

## **Moderno e desigual: a literatura e a teoria na revisão dos mitos sobre o país**

Victor Hugo Adler Pereira, Prof. Doutor (UERJ)

### **Resumo:**

*O agravamento das desigualdades sociais pela implantação do modelo neoliberal acompanhado da radicalização de políticas discriminatórias e excludentes de alguns setores da população, evidenciou algumas falácias quanto às democracias burguesas. No Brasil, algumas referências do imaginário social para a construção da identidade nacional como a democracia racial, a cordialidade e a do país do futuro entraram também em crise. O trabalho examina reflexos dessa crise na literatura e no pensamento teórico brasileiro e discute como, a partir dela, começaram a ter destaque alguns fatores, até então pouco considerados, que garantiram a persistência e até mesmo o agravamento das desigualdades sociais no processo de modernização do país. Serão discutidas algumas perspectivas sobre problemas atinentes ao Estado, à cultura e às desigualdades sociais na modernidade baseadas nos trabalhos de Pierre Bourdieu e no pensamento sobre o exercício do poder de filósofos como Giorgio Agamben.*

### **Introdução**

Pretendo trazer para esse trabalho a discussão de alguns problemas decorrentes da relação entre a experiência comunitária das classes populares no Brasil em confronto ou desajuste com a produção simbólica. Articulam-se no tópico enfocado tanto as figurações do imaginário coletivo e do senso comum – baseadas em experiências cotidianas e na memória acumulada na história – como o exercício ideológico no seio daquele setor de especialistas denominado mais especificamente de “intelectualidade”.

O romance *Tenda dos Milagres*, de Jorge Amado, publicado em dias sombrios, contemporaneamente à decretação do Ato Institucional nº 5 parecia, no entanto, premonitoriamente, apresentar alguns traços que seriam retomados numa abordagem do cotidiano das classes populares que pretenda marcar sua distância do pensamento social de esquerda. Para iniciar, situo essa afirmativa, baseando-me, em primeiro-lugar, na própria ironia ou refutação rasgada que as vozes narrativas, coladas à perspectiva de alguns personagens que se situam como representantes legítimas ou falseadas das classes populares, fazem do pensamento e daquilo que é identificado como o comportamento típico dos intelectuais e militantes de esquerda no país.

O enredo se desenvolve em torno da trajetória heróica do mestiço Pedro Archanjo, sub-empregado ou lumpen, num espécie de militância contra a segregação racial e cultural na Bahia dos anos 1920 até meados dos anos 1940. Essa trajetória é marcada por uma tomada de consciência sobre a questão racial que tem como ponto de partida o conflito deflagrado por um primeiro estudo que publica, com meios parcos, defendendo a miscigenação e vai parar nas mãos de um poderoso professor da Faculdade de Medicina, na qual Pedro exerce a função de bedel. O professor enfrenta o bedel e, além de manifestar todo o seu desprezo pelos humildes, declara abertamente a extensão de seu ódio e dos projetos de segregação racial:

- Eliminar a todos, um mundo somente de árias?  
Mundo perfeito! Grandioso, irrealizável sonho! Onde o temerário gênio capaz de tomar da atrevida idéia e leva-la à prática? Quem sabe, um dia, invicto deus da guerra cumprirá a missão suprema? Visionário, o professor Argolo perscrutou o futuro e pressentiu o herói à frente das coortes arianas. (AMADO, 2007.p. 145).

No exemplo acima, fica caracterizada a admiração pelo arianismo do antagonista principal do herói no romance, o Professor Argolo, o que vai redundar em seu apoio descarado ao nazismo num momento posterior da narrativa. Situações de conflito que colocarão em teste a coragem e a inteligência de Pedro Archanjo reforçam, durante uma boa parte do desenvolvimento do enredo, a polaridade entre a defesa de uma democracia racial, de perspectiva modernizadora, e a perspectiva e as práticas truculentas tendentes à exclusão total da sociedade brasileira de negros e mestiços e às manifestações culturais de origem africana. Um dos episódios do romance leva ao limite a definição dessa polaridade na sociedade baiana ao narrar a tentativa do professor Argolo e seus aliados de fazerem passar no Congresso uma lei que estabeleça um degredo para regiões inóspitas do Brasil de negros e mestiços e proíba os casamentos inter-raciais. (VER CITAÇÃO) Nesse quadro de referências do mundo ficcional, o nazi-fascismo é visto como abominável basicamente por suas propostas racistas. Lutar contra o nazismo se torna, portanto, para Pedro Archanjo nos seus últimos dias quase uma obsessão paranóica motivada pela possibilidade de se cumprir um programa de extermínio das ditas raças inferiores. E essa preocupação se revela, na consciência do herói, uma decorrência de todas as suas lutas anteriores, no campo ideológico, pela defesa da mestiçagem, em seus estudos, e pela militância nas ruas em defesa da liberdade dos cultos e das manifestações culturais de origem africana. Participando numa última discussão com os amigos sobre a evolução dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial no campo de batalha, a possibilidade de vitória das tropas aliadas sobre as alemãs, Archanjo faz uma última declaração no romance: “- ... há de nascer, crescer e se misturar, ninguém pode impedir. Tem razão, camarado, é isso mesmo, ninguém pode acabar com a gente, nunca. Ninguém, meu bem”. (AMADO, 2007. p.313)

Situados na polaridade caracterizada na sociedade baiana entre racistas e anti-racistas, surgem ativistas de esquerda, do meio estudantil e intelectual vistos com simpatia, uma espécie de aliados das lutas heróicas de Pedro e seus verdadeiros companheiros. No entanto, aqui e acolá aparecem indícios de limitações ou restrições a sua atuação em defesa dos pobres da Bahia. Por exemplo, na última cena de manifestação pública contra forças repressivas, no romance, focaliza-se uma passeata antifascista em Salvador que objetiva forçar o governo Vargas a se posicionar de modo mais definido contra a Alemanha nazista, com a qual o regime do Estado Novo tivera de início muitas afinidades. Nessa ocasião, surge um dos personagens oriundos da comunidade que gravitava em torno da Tenda dos Milagres, figura típica do Pelourinho, o rábula Damião, alcunhado de Major, cuja intervenção no ato público é assim qualificada: “Cada um dos outros oradores era representante dessa ou daquela organização, frente, sindicato, classe, união, partido perseguido e clandestino. Só o Major falava pelo povo. Quase ao nível da rua, sobre o pequeno degrau da estátua”. (AMADO, 2007. p.308) Sintomática a observação do narrador sobre o lugar de onde falava o Major Damião: “quase ao nível da rua”, portanto fisicamente perto das pessoas comuns, por oposição àqueles que se diziam representar seus interesses numa prática política organizada...

Um personagem de interesse no painel da intelectualidade baiana (e brasileira) apresentada no romance é o professor Fraga Neto. O interessante nesse personagem são as hesitações que acompanham sua caracterização, sugerindo a possibilidade de faltar aos compromissos caracterizados de início no romance por seus estudos de doenças que afetam diretamente os pobres. Num momento de hesitação, por exemplo, oscila entre apoiar a greve dos pequenos funcionários de empresas de transportes e resguardar-se de acusações sobre suas convicções políticas num concurso universitário que se aproxima. Sua caracterização como marxista deixa margem a um diálogo que parece uma prestação de contas do autor diante de suas próprias contradições e que reforça a condição de “alter ego” do personagem Pedro Archanjo. O diálogo é motivado pela pergunta de Fraga Neto: “- Pergunto como é possível que você, um homem de ciência, sim, um homem de ciência, por que não? Porque não é formado? Vamos deixar de conversa fiada e dizer as coisas como elas são. Pergunto como é possível que você acredite em candomblé” (AMADO, 2007. p. 269). O diálogo entre os dois se estende, mas a posição do protagonista e certamente do autor fica esclarecida principalmente na seguinte fala:

- Durante anos e anos acreditei nos meus orixás como frei Timóteo acredita nos seus santos, no Cristo e na Virgem. Nesse tempo tudo que eu sabia aprendera na rua. Depois, busquei outras fontes de saber, ganhei novos bens, perdi a crença. O senhor é materialista, professor, não li o s autores que o senhor cita, mas sou tão materialista quanto o senhor. Ainda mais, quem sabe. (idem. p. 270)

E mais adiante:

- (...) Para mim, professor, só existe a matéria. Mas nem por isso deixo de ira ao terreiro e de exercer as funções de meu posto de Ojuobá, cumprir meu compromisso. Não me limito como o senhor que tem medo do que os outros possam pensar, tem medo de diminuir o tamanho de seu materialismo.(idem. p. 270) .

Em *Tenda de Milagres* distinguem-se diferentes pontos de vista sobre a vida intelectual e a própria possibilidade de intervenção política dos intelectuais. Há graus diferentes de identificação buscada com os personagens que têm funções intelectuais, como profissionais ou como militantes. A crítica à parte da intelectualidade tradicional ligada à universidade ou aos intelectuais oportunistas nitidamente caracterizados como mais identificados com a modernização do país – entre os quais destaca-se uma galeria de tipos que gravitam em torno das atividades literárias e jornalísticas, como um dos narradores, o poeta Fausto Pena, bacharel em Ciências Sociais. Na refutação aos intelectuais tradicionais da cidade da Bahia está misturada a crítica ao bacharelismo e ao racismo, indicando também seus compromissos com o coronelismo.

O percurso de Pedro Bala inclui, como se vê pelo modo com que caracteriza sua relação com a religiosidade popular, a transformação através da leituras, do conhecimento adquirido através da acumulação dos saberes livrescos. O personagem institui-se como um pesquisador guiado pela curiosidade e o instinto. Como também pelo desejo de enfrentar as tradições que comprometiam a produção acadêmica com o racismo principalmente. É, portanto, um militante ou um intelectual engajado, que procura utilizar seu saber para a intervenção social transformadora, como fica claro no arremate da discussão com o professor marxista que questiona a coerência entre seu conhecimento e suas práticas:

- Sou coerente, você não é! – explodiu Fraga Neto: - Se não acredita mais, não acha desonesto praticar uma farsa, como se acreditasse?  
- Não. Primeiro, como já lhe disse, gosto de dançar e cantar, gosto de festa, antes de tudo de festa de candomblé. Ademais, há o seguinte: estamos numa luta, cruel e dura. Veja com que violência querem destruir tudo que nós, negros e mulatos, possuímos, nossos bens, nossa fisionomia. Ainda há pouco tempo, com o delegado Pedrito, ir a um candomblé era um perigo, o cidadão arriscava a liberdade e até a vida. O senhor sabe disso, já conversamos a respeito. Mas, sabe quantos morreram? Sabe por acaso por que essa violência diminuiu? Não acabou, diminuiu. Sabe por que o delegado foi posto na rua? Sabe como se deu? (AMADO, 2007. P. 271).

Muitas informações sobre as questões relativas à luta racial situam-se neste diálogo. Entre elas, o destaque concedido à participação desse intelectual, surgido nas camadas populares, num ritual religioso como um ritual comunitário. Como se depreende em outro trecho do mesmo diálogo citado um pouco acima, Pedro Archanjo valorizava o compromisso com a comunidade acima da coerência racional com um sistema ideológico. Esse tipo de caracterização de seus elos com os pobres, pretos e mestiços que do Pelourinho (espécie de núcleo simbólico dessa população) espalhavam-se pela cidade da Bahia, justifica sua caracterização, num dado momento, como “espécie de pastor e patriarca”. Imagem que se reforça em variadas atitudes de compaixão, amizade, proteção, conselho e liderança no decorrer da narrativa.

Se na citação acima, a referência à dança e ao canto destaca o lado prazeroso que existe no cumprimento desse compromisso, reconhece que ele faz parte de uma estratégia em uma guerra que, conforme o romance pretende caracterizar, enraíza-se na questão cultural. Não é fortuita, portanto, a frequência com que se cita a antropologia como referência para a compreensão dessa realidade e combustível para a luta a ser travada na Bahia – e no país. Essa guerra somente se resolveria com o apagamento das diferenças raciais, o que conduzirá a uma comunidade baseada na identidade nacional. O italiano livreiro lê essa perspectiva transformada em tese no trecho do livro de Pedro Archanjo: “Formar-se-á uma cultura mestiça de tal maneira poderosa e inerente a cada brasileiro que será a própria consciência nacional, e mesmo os filhos de pais e mães imigrantes, brasileiros de primeira geração, crescerão culturalmente mestiços”. (AMADO, 2007. p.218).

Essa perspectiva política conduz a uma série de considerações e lança luz sobre alguns problemas do romance. A primeira delas é sobre o papel do estrangeiro. Algumas figuras ligadas ao estrangeiro destacam-se pela sua abertura de comportamento e de compreensão da realidade social. Entre o professor estadunidense James D, Levenson, que justifica o desenrolar da trama narrativa por sua admiração do caráter inovador das pesquisas de Pedro Archanjo e sua decisão de recuperar a memória, delas encomendando o trabalho de brasileiros. Outra, Zabela, a irreverente Isabel Tereza (amiga dos negros e mestiços - pastiche da princesa Isabel?), que vivera grande parte de sua vida na Europa e, por isso, conforme fica claro em diferentes passagens via com agudo espírito crítico o provincianismo baiano. Ambos os personagens demonstram uma atração pela sensualidade e beleza dos negros e mestiços. Junto a essas figuras de estrangeiros em contraste com a elite baiana, também se faz alusão a uma diferente perspectiva possível de ser encontrada em São Paulo, devido sem dúvida à imigração recente. Tal situação fica evidente num diálogo do doutor Passarinho com o coronel que recusava aceitar o casamento de sua filha com Tadeu, filho de Pedro Archanjo:

- O que lhe impressiona, coronel, é a cor, não a raça. Minha avó paterna era mulata, bem escura, coronel. Saí branco mas tenho um irmão médico em São Paulo, que é um moreninho bonito, saiu à avó sinhá Dona. Casou-se, aliás, com a filha de um italiano rico. Na Bahia, coronel, é difícil dizer quem não é mestiço. (AMADO, 2007. 254).

Uma segunda consideração que cabe é sobre a possível relação dessa valorização da abertura dos estrangeiros e a perspectiva na obra de uma superação dos problemas raciais e sociais pela modernização do país ou da Bahia. Essa perspectiva, no entanto, apresenta-se oscilante, como se pode observar na trajetória de Tadeu Canhoto. O “patriarca” ou “pastor” se ocupa da educação do rapaz para que este consiga subir na escala social. Esse processo de inserção nas classes superiores é relacionado à participação do jovem na modernização do país: “Tadeu decidira deixar o emprego na construção da estrada e partir para o Rio de Janeiro, onde integraria a equipe de engenheiros que, sob o comando de Paulo de Frontin, transformava a capital do país em uma cidade moderna”. (AMADO, 2007. p. 207).

A própria aparição no mundo ficcional de Jorge Amado de intervenções de Pedro Archanjo como práticas políticas é fruto de modificações na sociedade brasileira trazidas pelo processo de modernização que se instalava com o regime militar. Observa Evelina Dagnino a vinculação do advento desses modos de encarar a política, que colocavam em causa o prestígio do marxismo no país, com o processo modernizador:

Por um lado, a crescente heterogeneidade e complexidade das sociedades latino-americanas, impulsionadas por uma modernidade cada vez mais definida de suas conexões globais, engendraram uma vasta pluralidade de novos temas culturais. Por outro lado, o desgaste gradual dos Estados autoritários e a transição para a democracia tornaram possível que a capacidade de iniciativa e de invenção dos grupos sociais da sociedade civil revelasse a dinâmica múltipla das relações entre cultura e política. (DAGNINO, 200, p. 63).

Num dos capítulos conclusivos do romance, no entanto, volta à cena a possibilidade da justeza das interpretações marxistas e é colocada em questão através da trajetória do personagem a eficácia da ascensão social individual como fator de transformação da comunidade pobre e excluída socialmente. No discurso indireto livre, incluindo a consciência de Pedro Archanjo, lê-se: “Tadeu partiu daqui, aqui começou sua escalada, subiu e já não é daqui, meu bom, é do Corredor da Vitória <bairro aristocrático de Salvador>, da família Gomes, é o doutor Tadeu Canhoto”. E um pouco adiante:

O doutor Fraga Neto diz que não há branco nem negro, há rico e pobre tão-somente. O que é que você quer, compadre? Que o moleque estude e continue aqui na pobreza do Tabuão? Foi para isso que ele estudou? Doutor Tadeu Canhoto, genro do coronel, herdeiro de terras e de gado, bolsa na França, viagem na Europa, não há branco nem negro, no Corredor da Vitória o dinheiro embranquece, aqui miséria negra”. (AMADO, 2007. p. 295).

O comentário em torno do “embranquecimento” do personagem relativiza as críticas ou a desconfiança diante do marxismo. No entanto, acredito que se deva relevar um elemento implícito nessa crítica ao afastamento de Tadeu Canhoto de suas origens. Na verdade, parece pesar contra a atitude do personagem a falta de solidariedade com a

sua comunidade. Talvez seja esse o apelo que permita a aproximação desse romance de perspectivas muito influentes na atualidade na abordagem das questões sociais brasileiras numa vertente da produção literária e teórica.

No campo da teoria social, não apenas a mudança de referências ocorre, mas até mesmo o prestígio da proposta do abandono de referências teóricas mais complexas, substituídas por um tipo de produção que reforça o senso comum em que as “sugestões de ‘reforma política’ se reduzem a ‘exortações morais’ de fácil apelo para uma ‘política simbólica’”. (SOUZA, 2006. p. 119).

Sem querer escapar à complexidade que se coloca no painel do romance de Jorge Amado, trago à presença exemplos atuais, bastante eloquentes de tomadas de posição muito semelhantes às observadas nesse romance. Levanto a questão se revelam a continuidade da perspectiva do prestigiado autor baiano, no trato com as classes populares, devido a sua influência poderosa, até mesmo pela vinculação à cultura midiática, com o correr dos anos, ou se essa proximidade se deve a questões mais amplas que envolvem o destaque alcançado por determinados enfoques sobre a questão social. Um exemplo que me parece estar intimamente a muitos outros na produção literária (e cinematográfica) atual encontra-se nos contos e nos romances de Ferréz.

Um conto de Ferréz intitulado “O Pão e a Revolução” coloca em cena atitudes de descrédito nas classes populares diante dos intelectuais ou estudantes universitários. Dois jovens estudantes conversavam num bar em que surge um mendigo pedindo pão. Os jovens recusam o pedido do mendigo, e um deles justifica a atitude: “Mas a gente só tá tentando dizer que ele devia revolucionar a vida dele”. O dono do bar, caracterizado como pessoa de grande experiência de vida, termina o conto com a observação:

È o seguinte, seus dotorzinhos, eu trabalho aqui há vinte anos, todos vocês têm esses papos, esse homem nessa vida e todo esse tempo e quantas turmas já passaram por aqui, e essa tal de revolução não veio até hoje./ Terminei o café./ A faculdade da vida é mil grau. (FERRÉZ, 2005, p. 9.)

Uma cena como esta deixa evidente um agravamento da crítica situada no romance de Jorge Amado. Se a universidade pode ser o celeiro de um conhecimento autoritário ou desatualizado, em relação ao mundo, não chega a ser desautorizada completamente como possibilidade de produção de algum tipo de conhecimento sobre o mundo social. È certo que é possível passar sem ela e se tornar um intelectual que serve verdadeiramente aos interesses dos setores menos favorecidos da população, como acontece com Pedro Archanjo e com o rábula Damião. A aparição de estudantes que entendem alguma coisa da vida dos deserdados e se solidarizam com ele também é freqüente no romance de Amado.

No entanto, o apelo de Ferréz à união de todos os desfavorecidos parece não atentar para certos meandros da solidariedade, até mesmo dentro da própria comunidade que focaliza em seus romances *Capão Pecado* e *Manual Prático do Ódio*. Neste último, por exemplo, o jovem intelectualizado, assemelha-se à Pedro Archanjo na valorização de uma formação que prescinde ou vai além dos bancos universitários, difere deste, entretanto, pelas relações que mantém com o restante da comunidade. Declara Ferréz na apresentação do livro: “O autor nunca matou alguém por dinheiro mas sabe entender o que isso significa – do ponto de vista do assassino. Esse romance conta a história de um grupo que planeja um assalto, mas também fala de outros medos e mistérios universais,

de toda essa gente que ama e odeia, em explosivas proporções” (FERRÉZ, 2005. contracapa).

Na galeria de personagens que constrói, representativos de uma comunidade da periferia de São Paulo destaca-se a agressividade e a ambição pela posse imediata dos bens a que têm acesso as classes mais favorecidas. No entanto, um personagem surge como ‘alter ego’ do romancista conforme se deduz imediatamente num trecho como o seguinte:

Paulo lia de madrugada, pois às sete da manhã ia para a metalúrgica, depois de um dia inteiro de trabalho, chegava em casa, mas não lia de tarde, sempre reclamava das músicas altas que os vizinhos escutavam diariamente, ler Hermann Hesse ouvindo Zezé di Camargo e Luciano ou terminar de ler “Enfermaria nº 6 de Tchekov escutando “Pense em mim” de Leandro e Leonardo não era o seu sonho de vida, na pausa da leitura tentava escutar “O seu olhar”, a voz grossa do cantor o acalmava e fazia o peito arder de saudade de Auxiliadora, mas o som era de potência muito fraca e a música dos vizinhos abafava os versos bem construídos. (FERRÉZ, 2005. 76).

Fica claro nesse personagem o desprezo pelas referências culturais da comunidade em que é obrigado a viver. O conhecimento também não parece vinculado ao desejo de conhecer ou servir à comunidade. Não existe, como no texto de Jorge Amado, uma solidariedade que permite harmonicamente considerar que o “outro” social, constituído como aquele que domina, reprime e explora o pobre, tem uma visão deformada ou injusta da sua comunidade. As considerações a uma degradação de valores morais, vão além da indigência da cultura, invadida por uma empobrecida cultura midiática, como se pode observar no trecho conclusivo desse mergulho no cotidiano do personagem Paulo e das razões de sua inadaptação, com as quais o autor parece concordar inteiramente:

Ele odiava tudo isso, odiava viver naquele lugar, no mesmo lugar que puxou seu pai para a cova e fez sua mãe fugir com o patrão e o abandonar ainda criança, mas sabia que o lugar tinha um ritmo, e ele outro, sabia que não devia entrar no ritmo do lugar e sim seguir o seu próprio. (FERRÉZ, 2005. p. 77).

Seguindo considerações de Roberto DaMatta sobre a necessidade de compreender o Brasil sem se ater a uma das polaridades sobre as quais se alternam as tentativas de compreensão – e até mesmo as experiências cotidianas no país – as referências baseadas na **casa** ou na **rua**. As primeiras preservariam a convivência cordial e a compreensão das diferenças, enquanto as segundas garantiriam a aplicação da lei, muitas vezes de forma despótica e excludente. O romance de Jorge Amado corresponde à proposta de DaMatta de tentar a compreensão da sociedade brasileira pela relação, muitas vezes conflitiva, outras vezes de harmonização ou conciliação, entre essas duas esferas bipolares, que norteiam nos extremos a vida simbólica no país. A Tenda de Milagres, sem dúvida passível de ser interpretada a partir das referências de DaMatta como um elemento associado à **casa**, colocava-se, no entanto, como uma espécie de ponto de contato com a **rua**, o outro hostil e despótico, para uma comunidade na qual predominavam os laços de solidariedade e a harmonia das referências culturais comuns (além da igualdade racial). Desnecessário sublinhar o papel que o terceiro elemento suposto por DaMatta como referência norteadora das relações sociais e pessoais na cultura dominante no país, o **sagrado**, tem papel destacado também nesse

centro irradiador e articulador da população afro-descendente, pobre e oprimida, na cidade da Bahia. No romance de Ferréz, no entanto, não existe espaço de recolhimento ou acolhimento do indivíduo. Todos e todas estão voltados para o apelo da **rua** ou para as rejeições que essa promove a indivíduos situados naquele espaço hostil. O elemento irradiador, não é mais a casa que acolhe e protege a população negra, ao misturar a religiosidade ao saber vinculado a suas origens, a Tenda de Milagres. Aquilo que atrai os indivíduos, não harmoniza, desagrega, é a cultura do dinheiro e seus valores de competição e destruição – e de rejeição aos despossuídos. Ali se aprende, portanto, o ódio – e a narrativa vai ser um manual para se compreender os passos desse aprendizado. Também parte de uma recusa das referências consagradas intelectualmente para compreendê-lo, o aprendizado será empírico, com o relato de experiências (que sugerem o sentido oposto ao de Benjamin sobre a experiência, porque não enriquecem o percurso humano, ao contrário trazem o despreço aos caminhos trilhados).

## **Conclusão**

Uma das causas da mudança radical de perspectiva, que se pode constatar no cotejo dessas obras, é sem dúvida a radicalização das desigualdades, a desagregação cultural trazida pelo processo de modernização brasileiro. A partir do amadurecimento desse processo, acelerado nos anos posteriores à publicação de Tenda dos Milagres no decorrer do regime militar que preparava a implantação do modelo neoliberal conforme já acentuou Idelber Avellar. Deste modo, há bolsões de pobreza são cada vez mais colocados à margem de qualquer projeto de integração, onde se situa uma população que está aquém das pré-condições para adquirir a cidadania. Alguns estudos contemporâneos no Brasil, como os desenvolvidos por Jessé Souza, sobre a subcidadania, ou no exterior, como os de Giorgio Agamben, sobre a figura do “homosacer”, situam essa condição de uma parte das populações nas sociedades capitalistas que se avalia oficialmente - com o agravamento das desigualdades sociais no neoliberalismo - nunca poder integrar os mecanismos da ordem produtiva. E, como decorrência das referências do que é ‘dignidade’ nas sociedades modernas, será alijada de qualquer consideração que garanta um mínimo dos direitos humanos que se acreditou conquistar para todos nas revoluções burguesas. No Brasil, essa situação se torna clara no cotidiano de uma certa espécie de cidadãos que pode ser vitimado por qualquer espécie de abuso sem possibilidade de defesa ou proteção eficaz.

Talvez a sensação de desamparo, de um conflito que não se deseja mais solucionar, mas do qual se quer fugir apenas, seja fruto da consciência do agravamento desse abismo social, em escritores como Ferréz. Mas, além disso, também o prestígio das seitas e religiões evangélicas, com o desprezo pelas religiões afro-brasileiras, tenha contribuído para acirrar o conflito comunitário e os conflitos existenciais daqueles submetidos a uma ordem que não lhes facilita o caminho para ser bem sucedidos no mundo material e a organizar sua vida nos ditames de uma regulação e adequação voltada para a produção e o trabalho como prega a ética protestante. Este talvez seja um dos ingredientes da criminalização da pobreza, de um olhar que, mesmo partindo de dentro da comunidade, somente enxerga o crime e o pecado, mesmo onde se via no fim dos anos sessenta a criatividade dos marginalizados socialmente, liberados das amarras do mundo da produção, ou a reação à cultura hegemônica dos brancos....



## **Referências Bibliográficas**

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua**. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- AMADO, Jorge. **Tenda dos milagres**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- DAGNINO, Evelina. “Cultura, cidadania e democracia: a transformação dos discursos e práticas na esquerda latino-americana”. In: Alvarez, Sonia E. et alii. **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos – novas leituras**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. p. 61-148.
- FERRÉZ. **Manual prático do ódio**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Ninguém é inocente em São Paulo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- MATTA, Roberto da. **A casa & a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- SOUZA, Jessé (org.). **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.